

# Empreendedorismo sustentável versus agricultura alternativa: o caso da Korin Agricultura Natural

**RENAN SILVA FERREIRA**

(Ufrpe/Uast) renan.demolay\_178@hotmail.com

**GEIZIBEL LOPES RODRIGUES**

(Ufrpe/Uast) geizibelopes@hotmail.com

**WALBER SANTOS BAPTISTA**

(Ufrpe/Uast) bwalber@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de apresentar a grande lição empreendedora dos desafios da empresa paulista Korin Agricultura Natural, na escolha de uma agricultura alternativa e natural, como um diferencial competitivo, voltado à sustentabilidade e à preservação da Natureza. O referencial teórico baseou-se em alguns autores, como: sobre 'Empreendedorismo', citam-se Cantillon (2002); Drucker (2003; 2012); Sentanin e Barboza (2005); Schmidt e Bohnenberger (2009); sobre 'Desenvolvimento Sustentável', citam-se Camargo (2003); Claro et al. (2008); Ribemboim (1997; 2001; 2005); sobre 'Empreendedorismo Sustentável', citam-se Brunelli (2012); Dalmoro (2009); e Desgado et al. (2008); sobre 'Agricultura Alternativa', citam-se Beus e Dunlap (1988); e Ormond et al. (2002). A pesquisa é um estudo de caso que investiga a relação entre o tipo de produção e o modo de seleção de uma agricultura alternativa dentre outras mais produtivas ou rentáveis. A metodologia envolveu os seguintes métodos e materiais: uma análise qualitativa, com pesquisa bibliográfica, a partir de uma revisão das literaturas necessárias à unificação das ideias, além das consultas em livros, artigos de periódicos e revistas científicas, como também uma busca na website da empresa investigada. Os resultados obtidos permitiram vislumbrar que, ao escolher uma filosofia empresarial inovadora, a empresa ousou com a intenção de se firmar no mercado de alimentos e insumos orgânicos, buscando uma agricultura alternativa como padrão de produção, àquelas tradicionais danosas ao meio ambiente; permitiu confiabilidade aos seus produtos e confirmou o seu papel em ser uma organização que pratica a agricultura natural, sustentável e avante ao seu tempo.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo Sustentável. Desenvolvimento Sustentável. Agricultura Alternativa e Natural.

## Sustainable entrepreneurship versus alternative agriculture: the case of Korin Natural Agriculture

**Abstract:** This article aims to present the great lesson of the entrepreneurial challenges of company of the São Paulo, Korin Natural Agriculture, in choosing an alternative and natural agriculture, as a competitive differentiator, focused on sustainability and the conservation of nature. The theoretical framework was based on authors such as on 'Entrepreneurship', we mention Cantillon (2002); Drucker (2003; 2012); Sentanin and Barbosa (2005); Bohnenberger and Schmidt (2009); on 'Sustainable Development', we mention Camargo (2003); Light et al (2008); Ribemboim (1997, 2001, 2005); on 'Sustainable Entrepreneurship', we mention Brunelli (2012); Dalmoro (2009); and Desgado et al. (2008); on 'Alternative Agriculture', we mention Beus and Dunlap (1988); and Ormond et al. (2002). The research is a case study that investigates the relationship between the type of production and the mode of selection of an alternative from among more productive and profitable agriculture. The methodology involved the following methods and materials: a qualitative analysis with literature from a review of the literature necessary for the unification of research ideas, in addition to consulting books, journal articles and scientific journals, as well as a search on the company website investigated. The results obtained allowed us to envision that by choosing an innovative business philosophy, the company dared intending to establish themselves in the food and organic inputs market seeking an alternative agriculture as a production standard, those traditional harmful to the environment; allowed reliability to its products and confirmed its role in being an organization that practices natural, sustainable and forward to his time farming.

**Keywords:** Sustainable Entrepreneurship. Sustainable Development. Alternative and Natural Agriculture.

## INTRODUÇÃO

O meio ambiente vem sofrendo um constante desgaste pelas ações das empresas e sociedade em geral; por esse motivo, as ações e necessidades humanas precisam ter o foco voltado aos investimentos que priorizem negócios sustentáveis. É certo que a associação dos fatores de produção deve vislumbrar o bem-estar social e ambiental, além de ser o grande diferencial nas organizações modernas que, desejosas de se manterem no mercado, buscam satisfazer a valores sustentáveis e intergeracionais, mesmo nas circunstâncias daquele desgaste.

Contudo, a economia se tornou moderna, modificada à luz dos novos economistas, dos novos demandantes e ofertantes, de um novo tempo. Tornou-se apta a dimensionar as problemáticas e diferenciá-las das demais, a fim de equacionar as oportunidades, seus riscos, seu lucro, para não obter prejuízo. Mas, onde reside o maior prejuízo, no declínio da produção ou na exaustão ou extinção do Capital Natural?

Economia é definida como sendo “a arte de administrar a casa, o ambiente” (SOUZA, 2007, p.1). Desse modo, torna-se um papel muito difícil administrar um bem de que muitos se acham donos, que podem usufruir a partir de qualquer modo, sem se preocuparem com a exaustão das riquezas naturais ou com a extinção da biodiversidade.

Muitos desses administradores agem e se sentem empreendedores. Dilemas e questionamentos surgem de modo gradual individual e coletivo, mostrando a realidade atual do mercado que se encontra entre crescer, ampliando as externalidades ou estabelecer, visando à sobrevivência sem grandes explorações. Segundo Santos (2003, p.20),

Ehrenfeld acredita que a realidade econômica dominante do nosso tempo (desenvolvimento tecnológico, consumismo, gigantismo das empresas estatais, industriais e agrícolas, aumento populacional) é responsável pela maior parte da perda da biodiversidade. Tal realidade é tão onipresente que a própria sobrevivência é vista como uma questão de economia.

Nesse meio, tem-se o empreendedor, que demanda investir e entrar nessa competição. Ofertará produtos e serviços, a todo e qualquer consumidor que assim os desejarem e necessitarem. Nesse sentido, é oportuno se questionar como esse empreendedor se mantém economicamente ativo e administrativamente responsável. Admitindo-se que o empreendedor é considerado, nos dias de hoje, um ator de mudanças e perceptivo às necessidades do seu meio, logo surge a imagem do empreendedor também como um responsável pela implementação das mudanças necessárias à atuação responsável econômica, social e ambiental das empresas.

Considerando o que diz Cintra Leite (1988, apud BAPTISTA, 2011) sobre o empreendedor, afirmando que “é aquele que faz as coisas acontecerem, pois além de ser capaz de identificar oportunidades de mercado, possui uma aguçada sensibilidade financeira e de negócios, para transformar

aquela idéia em um fato econômico em seu benefício” (p.11), assim, há de se perguntar: a quem ele serve mesmo?

Desse modo, o empreendedorismo se concretiza pelo envolvimento de pessoas e processos, de atitudes e decisões que nortearão o sucesso ou o fracasso. Disso se dá uma verdadeira transformação de ideias, em oportunidades. Logo, o empreendedor é a pessoa que torna esse relacionamento e essa transformação possíveis (SENTANIN; BARBOZA, 2005).

O ‘empreendedorismo sustentável’ se consolida no mercado como uma forma positiva de negócio e das grandes às pequenas empresas é tema quase obrigatório, a sustentabilidade é vista tanto como uma necessidade de preservação dos recursos ambientais quanto para a saúde competitiva das organizações, e torna-se um ganho de ambos os lados.

Esse novo modelo de empreendedorismo pode ser desenvolvido por meio de produtos e serviços, que prezem pelo ‘ecologicamente correto’, pela sustentabilidade no próprio negócio, a responsabilidade socioambiental como um valor intrínseco em toda a gestão. Buscar incessantemente por matérias-primas e insumos sustentáveis; uma logística e uma produção ‘Sem Atrasos’ ou ‘Desperdícios e Defeitos Zero!’ Esse novo empreendedor tem o controle da responsabilidade empresarial.

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é trazer à tona a importância do empreendedorismo sustentável para as organizações e para a vida em sociedade, além de mostrar por meio de pesquisa bibliográfica o que essa postura ambientalmente correta do empreendedor pode trazer de benefícios para a organização especialmente diferencial competitivo. Para a complementação dos resultados utilizou-se apenas em caráter de exemplo a empresa Korin Agropecuária Ltda. ou, como está na sua website, Korin Agricultura Natural, que foi fundada em 1994, em Ipeúna no estado de São Paulo e atualmente se localiza na Rua Morgado de Matheus, 77, Vila Mariana, São Paulo. É produtora de frangos e derivados e opera de acordo com a agricultura natural, sendo uma referência como um caso de sucesso de ‘empreendedorismo sustentável’.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho se trata de um estudo de caso (YIN, 2001) da empresa ‘Korin Agricultura Natural’, sendo tratada doravante por apenas ‘Korin’. Como foi visto, é baseada na agricultura natural na produção de frangos e seus derivados. Pesquisou-se na website da empresa que difunde a filosofia de trabalho. A partir daí, buscou-se apresentar os resultados obtidos pela empresa, tendo como alicerce o empreendedorismo sustentável.

A escolha por uma revisão da literatura ou pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (1992), exigiu uma busca sobre conceituações sobre conceitos de ‘Economia

Ambiental', 'Empreendedorismo Sustentável' e 'Desenvolvimento Sustentável'; a palavra-chave 'Empreendedorismo Sustentável', por ser uma terminologia recente, contribuiu para com uma escassez sobre estudos e pesquisas na área; contudo, conseguiram-se alguns artigos e conteúdos suficientes.

Basicamente, os materiais utilizados estavam focados em textos que trouxessem aglutinação ao pensamento do artigo. A pesquisa se estendeu aos livros, periódicos e revistas científicas; textos da internet, de dissertações e de teses. A busca pela internet se deu no Google Acadêmico, além da home page da empresa.

O trabalho aqui apresentado está estruturado em cinco partes, sendo a primeira a Introdução; na segunda parte, têm-se os procedimentos metodológicos; na terceira parte se encontra o referencial teórico, discorrendo-se alguns conceitos e definições, além de algumas definições e conceituações sobre Empreendedorismo, Desenvolvimento Sustentável, Empreendedorismo Sustentável e agricultura Alternativa como um diferencial competitivo. Na quarta parte são apresentados os Resultados e as Discussões, apresentando-se um pouco sobre a empresa e suas práticas orgânicas, como uma síntese dos resultados. Na quinta parte são apresentadas as referências utilizadas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### O EMPREENDEDORISMO E A BASE ECONÔMICA

O verbo empreender é, certamente, nos dias atuais, amplamente utilizados na sociedade e, principalmente, no mundo corporativo. Teve suas origens no substantivo francês *entrepreneur*, permitindo uma evolução ao longo de alguns séculos. Numa sequência evolutiva, a palavra recebeu diversos significados, tais como explicam Schmidt e Bohnenberger (2009), 'aquele que incentivava brigas' (Século XII); 'uma pessoa que assumia a responsabilidade e dirigia uma ação militar' (Século XVI); e uma 'pessoa que criava e conduzia projetos ou empreendimentos' (Século XVIII).

Cantillon (2002), por sua vez, definiu o termo como sendo alguém que corre risco e tem a incerteza de vender seus produtos ou mercadorias, permitindo um novo significado, certamente bastante atual. Ao longo do tempo, o empreendedor deixou de ser visto apenas como um ator econômico, ou como um investidor ou criador de novas técnicas agrícolas, passando a ser observado por uma face comportamentalista. Segundo Leite e Melo (2008), há uma nova imagem na pessoa do empreendedor, mais que uma atitude economicista; agora, o empreendedor também possui um lado psicológico, caracterizado pelo sonho, o desejo de criar, inovar, ser parte de um projeto, não apenas pela recompensa material.

Mas, o que é empreendedorismo? Segundo Drucker

(2003), há uma palavra que traduz a ação realizada pelos empreendedores, o que o autor chamou de 'entrepreneurship'. Como não há em português nenhuma tradução fiel ao termo, pode-se aceitar, sem dificuldades, que é o 'espírito empreendedor' ou, simplesmente, o 'empreendedorismo'; estas seriam as traduções que melhor se encaixa nesse idioma.

Isso vale para pessoas e organizações que buscam se diferenciar no mercado ou nos seus nichos específicos, dentre eles, o da disciplina, o do planejamento do negócio, o da inovação (geração, difusão e adoção), o das parcerias e associações (joint venture, franchising, cooperativismo, etc.), o da incubação de negócios (bio) tecnológicos (start up e spin off), o da economia criativa, o do microempreendedor individual e das micro e pequenas empresas, o da 'economia subterrânea', o do comportamento intraempreendedor e de tantas outras ações, sem esquecer o do 'empreendedorismo sustentável'.

De acordo com Sentanin e Barboza (2005), o empreendedorismo se dá a partir da relação entre pessoas e processos, possibilitando a transformação de ideias em novos produtos, serviços, oportunidades e novos negócios. O empreendedorismo é, portanto, a capacidade que uma pessoa tem de ver dentro do meio ao qual está inserida, estando na condição individual ou como empresa, as necessidades desse meio, sejam elas econômicas, sociais, ambientais, tecnológicas.

Ainda, segundo Sentanin e Barboza (2005), o empreendedorismo tem uma forte relação com as mudanças tecnológicas, a globalização dos negócios, a comunicação cada vez mais facilitada entre empresas e pessoas de todo o mundo. Assim, o conceito de empreendedorismo, segundo os autores, não surge apenas como um modismo e sim uma capacidade de adequação dos gestores e empresas a esse novo contexto.

As mudanças advindas principalmente dos processos de globalização criam, nas organizações, uma necessidade cada vez maior de obterem pessoas com visão inovadora, capacidade de atingir resultados, poder de persuasão capaz de reger equipes para buscarem os objetivos da empresa; criar na organização o clima, a confiança e os meios para o sucesso.

No entanto, o empreendedorismo não pode ser visto apenas no sentido de buscar resultados econômicos, pois existe hoje uma grande carência de ações voltadas ao desenvolvimento social e ambiental. A busca pela sustentabilidade deve ser prioridade das organizações.

### DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: O INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO

A partir da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em 1972, a Corrente Econômica Ecodevelopimentista passa a ser evidenciada, trazendo a ideia de um desenvolvimento baseado em justiça social (medida pelo Bem-Estar das populações), eficiência econômica e

moderação no uso dos recursos ambientais, visando à solidariedade com as gerações futuras.

Essa corrente propõe um novo equilíbrio entre os poderes e os papéis da sociedade civil, onde a participação da população é fundamental na escolha e implementação de estratégias de desenvolvimento. É evidente que não é um papel fácil de tornar comum, uma consciência ambiental por completo em todos os seres humanos, visto que nem todas as pessoas pensam no futuro da civilização, projetando-a anos à frente do momento atual, pois olham só para seu ambiente próximo, sendo o meio ambiente visto como algo que se autoequilibra sem esforço adicional dos seus habitantes.

Segundo Arraes, Diniz e Diniz (2006, p.533), “A ideia do desenvolvimento sustentável foi originalmente pensada pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), em 1980”, tendo sido exortado no documento ‘Nosso Futuro Comum’ (Our Common Future), também chamado de Relatório Brundtland, de 1987, resultado da Conferência Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, de 1986, realizada em Estocolmo, na Suécia.

Dessa ‘Corrente Ecodesenvolvimentista’, algumas palavras-chave passam a ser a tônica sobre o futuro do Planeta Terra:

a) o conceito de desenvolvimento sustentável, de Gro Harlem Brundtland (1987, apud RIBEMBOIM, 2005, p. 6), o qual afirma que “é aquele que supre as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das futuras gerações de conseguirem suprir suas próprias necessidades”, ou seja, é ter o foco no futuro e não necessariamente no presente e vale para todas as gerações de seres vivos e;

b) o conceito de uma ética intergeracional, de Karl-Göran Mäler (1991, apud RIBEMBOIM, 2005, p.7), onde afirma que o “desenvolvimento sustentável é aquele em que o nível de bem-estar social é não declinante com o tempo”, significa que cada geração deve herdar um mundo no mínimo tão bom quanto aquele da geração precedente.

Contudo, é sabido que a sustentabilidade precisa ser bem melhor explicada, e que seja desde cedo, em tenra idade, para que a criança de hoje, seja o adulto instruído e sustentavelmente consciente no porvir. O princípio do desenvolvimento sustentável compatibiliza a atuação da economia com a preservação do equilíbrio ecológico.

Ribemboim (2005) exorta que tanto o produtor, quanto o consumidor, devem focar numa mudança dos padrões de produção e consumo, para que exista uma economia mais ecológica e que o desenvolvimento se torne mais sustentável. Para tal, destacam-se os seguintes pontos:

a) Necessidade de se rever os atuais padrões de produção e de consumo: eco eficiência, sinalizadores de mercado (rotulagem ambiental), reutilização, eliminação de desperdícios, reciclagem, crítica ao consumo conspícuo etc.;

b) Responsabilidade compartilhada entre consumido-

res e produtores (princípio do poluidor-usuário pagador) e entre ricos e pobres e;

c) Contabilização dos bens e serviços ambientais (full-pricing).

De acordo com Claro et al (2008) o desenvolvimento sustentável diz respeito a utilização responsável dos recursos econômicos, sociais e ambientais de forma a harmonizar essas três dimensões e assim possibilitar o desenvolvimento econômico. A partir daí, todos podem usufruir do seu direito e dos seus resultados.

O desenvolvimento social e ambiental justo é aquele onde as pessoas participam da sociedade de forma efetiva e onde cada um tem consciência da sua responsabilidade de proteger o Meio Ambiente e os recursos naturais escassos imprescindíveis a vida humana. Sachs (2004, p.36), a esse respeito, explica que o “desenvolvimento sustentável obedece ao duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige a explicitação de critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica”.

Contudo é sabido que, com um dos elementos que pode abalar todo esse equilíbrio ecológico, é o aumento da população humana. Com essas possibilidades de crescimento, aumentam-se também as necessidades de suprimento, alavancando-se também a máxima exploração de todos os recursos naturais existentes, descontrolando, sobremaneira, o ecossistema através da exaustão gradual e completa, a não ser que se faça algo nos níveis de extração mineral, florestal, hídrico, animal e agrícola no sentido de equilibrar as necessidades da população à capacidade de autorregeneração do meio ambiente.

## **EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL COMO BASE PRODUTIVA**

O desafio hoje é conseguir que os empreendedores possam ter uma nova consciência, pois a nova economia exige. Esse ‘novo’ empreendedor deve se vestir de responsabilidade social e ser um difusor desses conceitos; em outras palavras, deve ter uma postura responsável com seus colaboradores, com o meio no qual a organização está inserida, tanto o meio social, como o ambiental; deve internalizar essas ações em suas organizações e transmiti-las durante as negociações, nas relações comerciais, nas expansões organizacionais e nas influências macrossistêmicas com o Governo, com os fornecedores, com os concorrentes, com os consumidores e com o próprio Meio Ambiente.

Drucker (2012) apresenta, à luz das implicações tecnológicas, consequências para uma nova consciência organizacional e econômica:

1 A tecnologia não é mais misteriosa ou ‘imprescindível’ do que os desdobramentos na economia ou na sociedade (p.36); 2 A tecnologia não está separada dos negócios e não deve ser administrada como tal, se é que deve ser ad-

ministrada (p.36); 3 O administrador de empresa precisa se preocupar com os impactos e as consequências da tecnologia sobre o indivíduo, a sociedade e a economia (p.37).

Isso significa, respectivamente, que: a) haverá um impacto econômico com a mudança tecnológica, tendo como desafio o convertimento dessa mudança em resultados benéficos à economia; b) que a organização deve ser tão inovadora, quanto à estrutura que a compõe, pois requererá da sua cúpula uma nova mentalidade organizacional, como a criação de áreas específicas de P&D ou de laboratórios de pesquisa; e c) que a responsabilidade vai além do lado social, ela é uma “responsabilidade pelos impactos de suas próprias ações. E o indivíduo é responsável por seu impacto”, confirma Drucker (2012, p.37).

Isso porque o desenvolvimento sustentável, focado no futuro, requer que as tecnologias sejam vislumbradas também para futuro e não só para o aqui e agora. A atitude empreendedora é a capacidade de transformar o meio, sair de uma situação mediana para uma situação de excelência e uma situação excelente é onde existam empresas sustentáveis contribuído para uma sociedade sustentável.

Assim, o empreendedorismo sustentável nada mais é que, segundo Brunelli (2012, apud BAPTISTA, 2013) o resultado entre os estudos do empreendedorismo somado aos do desenvolvimento sustentável, permitindo desse modo, pesquisas relativas a dois tipos de empreendedorismo: o social e o ambiental.

A partir desses estudos, Brunelli (2012, apud BAPTISTA, 2013) sugere um neologismo inglês para representar esse novo aspecto da cultura empreendedora, voltado às organizações: o “sustainopreneurship” ou, simplesmente, “sustainable entrepreneurship” (Ibidem, p.47). O empreendedorismo sustentável é o alinhamento das características do empreendedor às necessidades ambientais do meio ao qual ele está inserido. Tendo assumido o fato de que o empreendedor é também responsável pelos impactos de sua atividade enquanto membro de uma organização no meio econômico, social e hoje urgentemente no meio ambiental, o empreendedorismo sustentável vem como uma postura extremamente importante rumo ao desenvolvimento sustentável.

Segundo Wüstenhagen (2010, apud BRUNELLI, 2012, p.1), o “empreendedorismo sustentável define a criação de negócios que combinam, ao mesmo tempo, a geração de valor econômico, social e ambiental”; assim, permite entender que, ao abrir um negócio, por exemplo, o empresário não pode e nem deve relegar a um segundo plano suas responsabilidades para com o meio ambiente, visto que gerar valor socioeconômico é, sobretudo, gerar valor ambiental.

Para Parrish (2007, apud DALMORO, 2009, p.93), o empreendedorismo sustentável “é definido como o comportamento inovador de atores isolados, ou organizações no setor público e privado, que estão procurando valores ambientais e sociais como objetivos principais e vantagem competitiva em suas organizações”, caracterizando uma

nova postura frente à competição acirrada entre negócios capitalistas ou sociais.

Para Delgado et al (2008), o empreendedorismo sustentável está refletido na capacidade do empreendedor, atuante em grandes empresas, de influenciar as pessoas e a organização, a seguirem princípios voltados para a busca da sustentabilidade, social, econômica e ambiental. Se o empreendedor for de pequeno porte é sua capacidade de enxergar as necessidades do meio e agir no sentido de contribuir para o atendimento dessas necessidades, sejam elas, sociais, econômicas e principalmente ambientais.

Dentro desse contexto, onde os bens naturais estão cada vez mais escassos (como a água e as terras férteis), o consumidor está se conscientizando da necessidade e do dever de exigir das empresas uma ação social e ambiental responsável; as organizações que possuem gestores visionários, voltados às questões ambientais, detêm um grande diferencial competitivo, que pode ser seguido e difundido pelo mercado.

O empreendedorismo sustentável, no pensamento de Delgado et al. (2008), traz para dentro da organização, para sua missão, visão e seus valores conceitos e práticas que estejam de acordo os princípios ambientais.

Há muito tempo o diferencial competitivo das organizações deixou de ser baseado em preços, por exemplo, hoje outros valores, atitudes, qualidades são necessárias para garantirem a permanência das empresas no mercado e a postura ambientalmente correta é uma dessas atitudes necessárias e que partem do interior de um verdadeiro empreendedor.

## **A AGRICULTURA ALTERNATIVA COMO DIFERENCIAL COMPETITIVO**

A busca por alimentos saudáveis, atualmente, vem despertando um modelo de agricultura mais voltado para a preservação ambiental e à produção de alimentos livres de produtos químicos comumente utilizados na agricultura dita convencional.

Beus e Dunlap (1988) apresentam uma reflexão sobre o intenso avanço e efeitos da Agricultura Convencional, além de indicarem as alternativas de sistemas baseados em Agricultura Alternativa, onde a primeira é, segundo os autores, “de uso intensivo de capital, de larga escala e altamente mecanizada” (ibidem, p.4); e “de monocultivo e uso extensivo de fertilizantes artificiais, herbicidas, pesticidas e da intensiva produção animal (KNORR; WALKINS, 1984, apud BEUS; DUNLAP, 1988, p.4).

Quanto à Agricultura Alternativa, segundo Beus e Dunlap (1988, p.4), “é bastante difícil defini-la em função da sua grande diversidade” [...] as concepções do alternativo incluem: a) A agricultura orgânica, a sustentável e a regenerativa; b) A ecoagricultura, a permacultura e a biodinâmica; c) A agroecologia, a agricultura natural, a agricultura

de resíduos inputs e outras; d) Apresentam uma filosofia básica compartilhada.

Segundo Altieri (2001, apud ORMOND et al., 2002, p5-6), quando se refere à agricultura orgânica, “o objetivo é trabalhar e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas”, permitindo entender que haja uma integração entre toda base produtiva em prol da sustentabilidade.

Assim, duas tipologias e duas razões, uma nova consciência e uma nova mentalidade empresarial urgem ser adquiridas. Nesse contexto, a empresa Korin Agricultura Natural, utilizada como exemplo nesse trabalho, está no caminho do segundo tipo de Agricultura, sendo esta ‘Natural’, como explica a empresa:

Mokiti Okada indicou a aplicação do método agrícola sustentável, que preserva o meio ambiente, promove a saúde e oferece alimentos puros e saborosos. O método privilegia a força do solo, cuja qualidade é fator primordial para a obtenção de boas colheitas. Segundo esse princípio, a fertilização do solo consiste no fortalecimento de sua energia natural. Para isso, basta torná-lo puro e limpo. Quanto mais puro é o solo, maior é a sua força para o desenvolvimento das plantas (KORIN, s.d.c).

É pensando em alternativas sustentáveis que uma organização inova e se destaca, valendo-se de ações qualitativas de produção, mesmo que outras ações tradicionais ou intensivas em capital sejam até mais rentáveis do ponto de vista quantitativo. Contudo, dirigir-se a uma agricultura alternativa é um ponto de partida a ser compartilhado, já que o propósito das organizações é de serem permanentes, do ponto de vista sustentável e crescentes, do ponto de vista sustentado.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

O estudo de caso baseia-se na empresa paulista Korin (KORIN, s.d.a), como visto anteriormente, busca integrar valores ecológicos e sociais na produção dos seus alimentos que são livres de agroquímicos. A empresa também busca estimular e orientar agricultores para o fortalecimento das unidades agrícolas sustentáveis com as quais a empresa trabalha. Segundo o website da Korin, são 36 parceiros, entre pequenos e médios produtores, para os quais a empresa transfere a tecnologia necessária para a prática do método da Agricultura Natural. A ‘Missão’ da empresa é a de

Produzir e comercializar alimentos que promovam a saúde e o bem-estar do consumidor, assim como a prosperidade do produtor, utilizando métodos produtivos que gradativamente concretizem a Agricultura Natural preconizada por Mokiti Okada, através de um modelo, so-

cial, ambiental e economicamente sustentável (KORIN, s.d.b).

A Korin está baseada na oferta de produtos advindos da agricultura natural e a organização possui uma visão empresarial baseada na filosofia e no método futurista e eficaz da agricultura alternativa e natural de Mokiti Okada. Este foi o fundador da Igreja Messiânica Mundial e a Korin surgiu, de acordo com Luis Demattê, diretor industrial da Korin, em entrevista ao site Terra, da denominação religiosa e de seus produtos, consumidos principalmente pelos fiéis adeptos da filosofia japonesa de Okada. Assim, os valores da empresa seguem os princípios da responsabilidade social, econômica e ambiental, sendo eles, segundo o site da empresa,

1 O respeito ao consumidor; 2 preocupação com a saúde; 3 Respeito ao meio ambiente; 4 Ética empresarial e integridade; 5 Qualidade; 7 Valorização do produtor; 8 Inovação; 9 Espiritualidade; 10 Pioneirismo e difusão de tecnologia; 11 Respeito social; 12 Trabalho em equipe e participação do funcionário; 13 Eficiência; 14 Respeito ao colaborador; 15 Foco no cliente (KORIN, s.d.e).

A Korin tem, em sua linha de produtos, uma diversidade de opções, tais como: bovinos, frangos (natural, solenne e caipira) e ovos; mel e derivados; macarrão, arroz e café; água mineral, shitake e bokashi, encontrados em quase todos os estados brasileiros. Todos voltados à agricultura natural, conforme a figura 1, o fluxo que conduz a esse tipo de agricultura.



FONTE: KORIN (S.D.C)

FIGURA 1– O CAMINHO DA AGRICULTURA NATURAL

No entanto, com o aumento de um público consumidor, mais preocupado com a saúde e com o meio ambiente, a empresa cresceu e hoje distribui para a maioria dos estados brasileiros, ou seja, o que era uma oportunidade de serviço transformou-se em um empreendimento de sucesso, voltado ao bem-estar humano e ambiental, por meio da produção e do cultivo ecologicamente corretos.

### PRÁTICAS UTILIZADAS PELA EMPRESA

O objetivo da empresa Korin é oferecer aos consumidores produtos saudáveis, de qualidade diferenciada, produzidos com respeito ao meio ambiente, ou seja, é uma empresa que está atenta às novas necessidades de

consumidores cada vez mais preocupados com a sua saúde e com a preservação do meio ambiente. Para atender esse público consumidor que busca produtos saudáveis, a empresa possui certificações sérias, reconhecidas e autenticadas pelo IMETRO e uma rede baseada na agricultura natural com seus fornecedores, que são fiscalizados pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento/Serviço de Inspeção Federal (MAPA/SIF), bem como a fábrica de ração e o abatedouro próprio da empresa, que também são fiscalizados.

A empresa possui a certificação de Bem-Estar Animal da Humane Farme Animal Care (HFAC, s.d.), que, segundo o site da empresa, é um protocolo de certificação conferido às empresas produtoras, que implantam e seguem normas rigorosas com relação ao Bem Estar Animal. Tanto o sistema de criação e abate de frangos de corte Antibiotic Free, Orgânico e Caipira, como a criação de galinhas de postura, são certificados pela certificadora Ecocert (s.d.).

Segundo o site da empresa Korin, seus frangos são criados sem a utilização de antibióticos e promotores artificiais de crescimento, nem ingredientes de origem animal na ração, os frangos permanecem em galpões até os 25 dias de idade e depois passam a ter acesso às áreas de pastejo, onde ficam livres. O 'frango solenne', por exemplo, é criado sem antibióticos terapêuticos e antibióticos melhoradores de desempenho, alimentado com ração 100% vegetal e abatido com a idade de 65 dias (frangos convencionais 35 dias). Possui certificação WSQ, que certifica que as aves são criadas em sistema livre e com alimentação 100% vegetal, conforme as normas da Associação Brasileira de Avicultura Alternativa.

O frango orgânico é produzido de acordo com a Lei nº 10.831, de 23/12/2003 ou Lei dos Orgânicos, certificado pelo IBD Certificações, certificadora afiliada à IFOAM e credenciada no MAPA. Assim como o frango caipira, que também é criado de acordo com os princípios ambientais, é de crescimento mais lento e abatido somente após 70 dias de vida (KORIN, s.d.c).

O bovino também é criado de acordo com a agricultura natural, os animais vivem livres e são alimentados à base de vegetais sem agrotóxicos, que não são cultivados em adubos químicos ou ureia. E, além do arroz orgânico, comercializa um macarrão importado de empresas parceiras da Itália e, depois que é certificado no Brasil, passa a ser comercializado de acordo com a agricultura natural.

A empresa também fabrica e comercializa o 'Nutri Bokashi', que é um fertilizante orgânico composto de uma mistura balanceada de matérias orgânicas de origem vegetal e animal, submetidos a um processo de fermentação controlada e que além do fornecimento de nutrientes ao solo também possui microrganismos regeneradores, benéficos ao solo e às plantas (KORIN, s.d.d).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma maior consciência das empresas vem influenciando o mercado; são ações voltadas ao benefício, recuperação ou manutenção dos ecossistemas e maiores preocupações com a qualidade de vida do coletivo, passam a ser comumente pontuadas. Um empreendedor sustentável tem em mente que negócios são feitos para e por pessoas que dependem do meio ambiente; logo, tais negócios devem ser feitos também voltados a esse Meio Ambiente de modo irrestrito.

O investimento e o incentivo para um negócio sustentável devem partir da empresa para os seus colaboradores, capacitando-os a serem agentes de mudança, empoderando-os a decidirem por ações e relações ecológicas e ambientais. A organização, moderna e inovadora, por meio da responsabilidade socioambiental, deve transmitir uma imagem de 'zelo social' a toda sua estrutura empresarial.

Uma empresa que preza pela diminuição do impacto ambiental provocado por ela mesma torna-se diferenciada em uma sociedade que vem exigindo, dessas organizações, respeito ao ecossistema, podendo criar, assim, uma cultura de produção e consumo, e de descarte conscientes (RIBEM-BOIM, 1997; 2001).

Ser empreendedor é ser uma pessoa que inicia e desenvolve novos tipos de negócio (DRUCKER, 2003), contudo, é ser muito mais que o 'dono desses negócios'. É ter uma nova visão sobre o mundo, como ter um comportamento de sustentabilidade com seu meio. Ser uma empresa sustentável é, sem dúvida, ter por trás da sua gestão um empreendedor ecológico e sustentável e que tenha zelo e respeito por si e pelos outros, ou melhor, pela vida, indiscriminadamente.

A postura empreendedora da empresa Korin prova como uma organização pode trabalhar de forma ambiental e socialmente correta e obter lucros, além de plena competitividade empresarial, pois, mesmo que a sociedade ainda esteja engatinhando, ela vem a cada dia adquirindo uma consciência da necessidade de cuidar do meio ambiente e da sua saúde.

Como visto, a empresa Korin cresceu exatamente por oferecer produtos saudáveis e de acordo com a agricultura natural, baseada no equilíbrio ambiental, sendo este o seu diferencial; é na sua postura empreendedora sustentável que estão enraizados seus diferenciais competitivos. Essa empresa pode ser tida como modelo de atuação para empresas e empreendedores que possuem uma responsabilidade expressiva, no sentido de fomentarem o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que as empresas de qualquer natureza contribuem enormemente para a degradação ambiental

É mister entender que, no Empreendedorismo Sustentável, não só será importante a preservação da Natureza ou do Ecossistema como também que essa postura só é pos-

sível com uma verdadeira transformação da mentalidade empresarial.

Uma mudança que, mediante as ações empresariais ecológicas, internas e externas, um cômputo de inovações tecnológicas em sua produção, em seus processos e em suas atividades laborais (humanas e do colegiado organizacional), surge como um novo modo de pensar e oferecer à sociedade produtos e serviços que visam atender os pilares da sustentabilidade econômica, social e ambiental.

## REFERÊNCIAS

- ARRAES, R. A.; DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T. Curva ambiental de Kuznets e desenvolvimento econômico sustentável. **RER**, Rio de Janeiro, v. 44, n.3, p. 525-547, jul./set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v44n3/a08v44n3.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2014.
- BAPTISTA W. S. **Empreendedorismo**: teorias, legislação e noções de planejamento do negócio. Serra Talhada-PE, 2011 (Mimeo; Notas de Aula).
- \_\_\_\_\_. **Empreendedorismo sustentável**: noções e desafios. In: SEMANA DO ADMINISTRADOR DA UAST, 1., 2013, Serra Talhada-PE: UAST/UFRPE, 09-13 set. 2013 (Palestra; Apresentação em PPT).
- BEUS, C. E.; D. R.E. Convencional versus alternative agriculture: the paradigmatic roots of the debate. **Rural Sociology**, v. 55, n. 4, p.590-616, 1990. (Agricultura convencional versus alternativa: as raízes paradigmáticas do debate. Versão Brasileira Ana Raquel Santos Bueno. Washington: Departamento de Sociologia/ Washington State University, 1988, 18p). (Mimeo, Projeto 0705 – Pesquisa conduzida pelo Centro de Pesquisa Agrícola/Washington State University,1988).
- BRUNELLI, M. **Afinal, o que é empreendedorismo sustentável?** ERA-Ética e Realidade Atual. Rio de Janeiro: IAG/PUC-RIO, 2012. Disponível em: <<http://era.org.br/2012/09/afinal-o-que-e-empreendedorismo-sustentavel/>>. Acesso em: 08 set. 2013.
- CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta Editora, 2002.
- CLARO, P. B. de O.; CLARO, D. P.; AMÂNCIO, R. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. **Revista de Administração**, v. 43, n. 4, p. 289-300. São Paulo, out./nov./dez. 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/Bella/Downloads/v4304289.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2014.
- DALMORO, M. A visão da sustentabilidade na atividade empreendedora: uma análise a partir de empresas incubadas. **Revista Gestão Organizacional**, [s.l.], v. 2, n. 1, art. 7, p. 87-104, 2009.
- DELGADO, N. A.; CRUZ, L. B.; PEDROZO, E. A.; SILVA, T. N. da. Empreendedorismo orientado para a sustentabilidade: as inovações no caso da Volkman. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 6, n. 3, Rio de Janeiro. Set. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512008000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512008000300011)>. Acesso em: 29 abr. 2014.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**: entrepreneurship – prática e princípios. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Rumo à nova economia**. São Paulo: Elsevier/Campus, 2012.
- ECOCERT. **Organisme de Contrôle et de Certification**. Le groupe. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ecocert.com/>>. Acesso em: 12 mai. 2014.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HFAC. Humane Farme Animal Care. **Our mission**. Herndon, VA, EUA, [s.d.]. Disponível em: <<http://certifiedhumane.org/>>. Acesso em: 12 mai. 2014.
- KORIN. **Agricultura natural de Mokiti Okada**. [São Paulo], [s.d.a.]. Disponível em: <[http://www.korin.com.br/agricultura\\_natural.aspx](http://www.korin.com.br/agricultura_natural.aspx)>. Acesso em: 15 mai. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Empresa**. [São Paulo], [s.d.b.]. Disponível em: <<http://www.korin.com.br/empresa.aspx>>. Acesso em: 12 maio 2014.
- \_\_\_\_\_. **Frango orgânico**. [São Paulo], [s.d.c.]. Disponível em: <<http://www.korin.com.br/organico.aspx>>. Acesso em: 06 maio 2014.
- \_\_\_\_\_. **Nutri Bokashi**. [São Paulo], [s.d.d.]. Disponível em: <<http://www.korin.com.br/nutri.aspx>>, Acesso em: 06 maio 2014.
- \_\_\_\_\_. **Princípios e valores**. [São Paulo], [s.d.e.]. Disponível em: <<http://www.korin.com.br/principios.aspx>>. Acesso em: 06 maio 2014.
- LEITE, E. da S.; MELO, N. M. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. **Revista de Sociologia e Política (RSP)**, v. 16, n. 31, p. 35-47, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16n31/v16n31a05.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2014.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992, p.43-44.
- ORMOND, J. G. P.; PAULA, S. R. L. de; FAVERET FILHO, P.; ROCHA, L. T. M. da. Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, n. 15, Rio de Janeiro, p. 3-34, mar. 2002. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1501.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1501.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2014.
- RIBEMBOIM, J. A. **Introdução à economia do meio ambiente**. Recife: PADR/UFRPE, [2005]. (Notas de Aula; slides do power point).
- \_\_\_\_\_. **Mudando os padrões de produção e consumo**: textos para o século XXI. Brasília: Editora IBAMA, 1997.
- SACHS, I. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável e sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SANTOS, L. G. dos. **Politizar as novas tecnologias**: o impacto sociotécnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003.
- SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea (RAC)**, v. 13, n. 3. Curitiba, jul./set. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-6552009000300007&lng=pt&nrm=iso&tling=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552009000300007&lng=pt&nrm=iso&tling=pt)>. Acesso em: 06 mai. 2014.
- SENTANIN, V. L. H.; BARBOZA, R. J. Conceitos de empreendedorismo. **Revista Científica Eletrônica de Administração (RCEA)**, Ano V, n. 9, dez. 2005. Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/CvfACUCzOtmMWBx\\_2013-4-26-12-25-36.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/CvfACUCzOtmMWBx_2013-4-26-12-25-36.pdf)>. Acesso em: 06 mai. 2014.
- SOUZA, N. de J. de. **Economia básica**. São Paulo: Atlas, 2007.